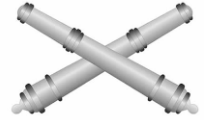




**ESCOLA DE INSTRUÇÃO ESPECIALIZADA
CURSO DE MATERIAL BÉLICO (MNT ARMT)
PROJETO INTERDISCIPLINAR
ARTIGO DE OPINIÃO**



**77 ANOS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB):
CONTEXTO HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DA FEB E ATUAÇÃO EM
TERRITÓRIO EUROPEU**

2º Sgt DANIEL AUGUSTO MICHELS

2º Sgt **IGOR JOSÉ** SANTOS MIGUEL DA SILVA

2º Sgt JEAN DA **CRUZ SILVA**

2º Sgt JEAN TAVARES DA SILVA **RONDELLI SOBRINHO**

2º Sgt JEAN **VICTOR** DIAS GALLINDO

2º Sgt **JONATAS** DE MELLO MARQUES

ST LEONARDO ALBUQUERQUE DE ANDRADE (Orientador)

RIO DE JANEIRO – RJ

2022

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo inicial celebrar o aniversário de 77 anos da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e homenagear os militares mortos em combate durante a campanha em solo europeu. Com isso, faz-se necessário abordar o contexto histórico que levou os heróis brasileiros a atuarem em populares batalhas marcadas na História do Mundo, bem como a Batalha de Monte Castello e Tomada de Montese. As dificuldades que as Forças Armadas Brasileiras tiveram na época da campanha expedicionária, como precário poderio bélico e capacitação técnico-militar deficitária, não foram fatores suficientes que resultassem no fracasso dos destemidos combatentes da FEB. Mesmo diante das críticas, onde o mundo desacreditava do sucesso da FEB e a própria imprensa brasileira alegou que era mais fácil “*a cobra fumar*” do que o Brasil ir à guerra, os militares brasileiros venceram importantes batalhas em solo europeu, desafiando as baixas temperaturas e os territórios desconhecidos, mostrando ao mundo a força, moral e resiliência do Soldado Brasileiro. A cobra fumou.

Palavras-chave: Força Expedicionária Brasileira, FEB, Forças Armadas, Monte Castello, Montese.

ABSTRACT

This article has the initial objective of celebrating the 77th anniversary of the Brazilian Expeditionary Force (FEB) and honoring the soldiers killed in combat during the campaign on European soil. Therefore, it is necessary to address the historical context that led Brazilian heroes to act in popular battles marked in World History, as well as the Battle of Monte Castello and Montese. The difficulties that the Brazilian Military Forces had at the time of the expeditionary campaign, such as precarious military power and deficient technical-military training, were not enough factors that resulted in the failure of the fearless FEB combatants. Even in the face of criticism, where the world discredited the success of the FEB and the Brazilian press itself claimed that it was easier for “*the snake to smoke*” than for Brazil to go to war, the Brazilian military won important battles on European soil, defying the low temperatures and the unknown territories, showing the world the strength, morale and resilience of the Brazilian Soldier. The snake smoked.

Keywords: Brazilian Expeditionary Force, Military Forces, Monte Castello, Montese.

1 INTRODUÇÃO

Por meio da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, ocorreu a formação de um Corpo Expedicionário, o qual fez história com sua presença nos confrontos travados no Teatro de Operações em solo italiano. Findo os conflitos em solo italiano, os combatentes retornaram ao solo brasileiro como novos heróis da Nação. Esse momento marcante na história trouxe, então, a construção dos valores e a identidade da Força Expedicionária Brasileira (FEB) (OJEDA, 2015).

A formação da FEB e seu desempenho na Guerra marcaram a história do Brasil, e ainda mais a história institucional militar, tendo em vista o pioneirismo daquele Corpo das Forças Armadas Brasileiras. Teria a FEB, no entanto, suas peculiaridades em contraponto ao corpo fixo do Exército Brasileiro. Por se tratar de uma participação limitada aos objetivos bélicos do país e seus aliados, e por sua constituição majoritária de civis, a FEB conquistou, ao longo de sua existência, a admiração não só do povo brasileiro, como também o respeito dos combatentes e das populações dos países amigos (SILVA; FOLY, 2013).

Este ano a FEB completa 77 anos da investida final a Monte Castello. O combate iniciou ao alvorecer de 21 de fevereiro de 1945, onde intensos fogos da artilharia da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, juntamente com a Força Aérea Brasileira. O combate foi intenso e violento, entretanto, os brasileiros avançavam determinados a conquistar a posição inimiga. Já passado o dia por volta das 17:30 horas, o brado de conquista *“Castello é nosso!”*

reverberou entre as tropas, intensa foi a vibração pela vitória e indescritível emoção diante do sacrifício dos bravos soldados brasileiros (SILVA; FOLY, 2013).

2 DESENVOLVIMENTO

Em 1941, após o ataque a Pearl Harbor, o mundo - e principalmente o continente americano - percebeu que a guerra estava se expandindo pelo mundo inteiro, o que fez com que os países que estavam longes dos conflitos principais ligassem o alerta vermelho. Neste momento dos conflitos, aconteceu a entrada dos Estados Unidos da América (EUA) na Guerra e conseqüentemente a pressão do governo americano sobre o governo de Getúlio Vargas (OJEDA, 2015).

Com a pressão para que o Brasil escolhesse um lado diante das partes beligerantes da Guerra, Vargas, em um primeiro momento, tomou a decisão, junto a outras 25 nações, que cortaria relações diplomáticas com as Potências do Eixo, metendo-se de forma inexorável a atuar com os aliados contra o Eixo (OJEDA, 2015).

Segundo Castello Branco (1960), Oswaldo Aranha, político diplomata do Governo Vargas, declarou, durante a Sessão de Encerramento da Conferência, em 28 de janeiro de 1942, no Rio de Janeiro-RJ, que o Brasil romperia relações com a Alemanha, a Itália e o Japão, sendo assim, demonstrando publicamente apoio total às repúblicas dos EUA.

Logo após a ação do governo, Vargas manteve o Brasil como um país neutro ante a guerra, enquanto não estava diretamente ligado ao conflito. Essa

neutralidade do Brasil durou até o momento em que o governo reconheceu que as ofensivas do eixo haviam ultrapassado os limites de seus continentes, infligindo assim o estado de neutralidade e transformando o conflito em mundial. Os ataques ocorreram após o Brasil cortar relações com os países do eixo e construir uma nova e frutífera relação diplomática com os EUA (CASTELLO BRANCO, 1960).

Após isso, o Governo Brasileiro decidiu formar uma Divisão Expedicionária para lutar em solo europeu. Esse Corpo das Forças Armadas Brasileiras teria a função de contribuir, ao lado dos aliados, no confronto e vitória contra o segmento nazifascista da Guerra. Desde a criação da FEB até o seu batismo de fogo, transcorreram-se vinte e um meses. E nesse período foram criadas muitas ações para transformar um país com muitas dificuldades bélicas em uma nação com condições de formar uma Divisão expedicionária forte e lutar lado a lado dos países aliados, contando com o apoio de recursos estrangeiros para, assim, conseguir elevar o nível tático e poder de fogo da FEB (COSTA, 1976).

Conforme ele abordou:

Tudo nos vinha de fora: o trem, o automóvel, o navio, o avião e o trator. Produto nacional, da escassa manufatura feita aqui, era sinônimo de falta de qualidade. Não tínhamos refinaria nem siderurgia, nem grandes hidrelétricas. O Brasil continuava sendo o eterno país do futuro... A Marinha de guerra limitava-se, quase exclusivamente, aos velhos e obsoletos encouraçados “Minas” e “São Paulo”, e a Aeronáutica, ainda vinculada à forças de terra e mar, mal começava a nascer... Esse era o Brasil de antes da guerra, contemplativo e pobre, pessimista e preguiçoso, inquieto e contraditório, marcado de preconceitos e complexos, às vezes

visionário, quase sempre Jeca Tatu (Costa, 1976).

O Exército Brasileiro teve que passar por grandes mudanças para conseguir se preparar para a campanha na Itália, começando por uma mudança de padrões dos franceses para os americanos. A seleção de pessoal exigia muito mais que a capacidade habitual das Forças Armadas, onde os mesmos encontram o desafio de formar inúmeros contingentes militares para, posteriormente, terem de treinar os Soldados convocados. O contingente nacional aumentou de 60 mil para 180 mil homens. Destes militares, 25 mil foram enviados para a Europa e escreveram a história de honra e de glória do Brasil na Segunda Guerra Mundial (CASTELLO BRANCO, 1960).

A FEB chegou na Itália em um momento de escassez de força de combate. O grande grupo de convocados brasileiros desembarcou em diferentes datas e em variáveis quantidades. Era a melhor forma de se organizar um contingente enorme de homens. A Força Expedicionária Brasileira era uma Divisão permanente na frente de combate, sem descanso e que mantinha o Brasil na batalha. A maioria dos equipamentos foi conhecido e familiarizado pelos combatentes brasileiros em solo italiano, o que dificultava ainda mais a situação do contingente brasileiro. Sendo assim, foram incorporados ao V Exército americano, que por sua vez patrocinava os brasileiros desde a alimentação até o uniforme. O que se tinha de original era o símbolo ostentado no braço dos combatentes da FEB: o desenho de uma “cobra fumando”, símbolo o qual

retratava as grandes dificuldades que o Brasil encontrou ao adentrar na Guerra. Os próprios repórteres nacionais ressaltavam que era mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar na guerra com êxito. Pois eles estavam enganados e a FEB mostrou ao mundo que a garra, força de vontade e honra militar era superior aos recursos bélicos (SILVA; FOLY, 2013).

A campanha da FEB na Itália foi dividida em cinco períodos. Iniciou-se, em setembro de 1944, um destacamento recebeu a ordem de atacar as tropas inimigas na conhecida batalha de Camaione e Monte Prato. Foi considerado um momento de preparação das Forças Armadas Brasileiras. Embora com modesta importância para a história do Brasil, este marco não deve ser esquecido, pois foi um primeiro revés de descuido acerca da inexperiência dos soldados brasileiros, sendo essa conquista que desencadeou uma das maiores e mais penosas batalhas da campanha da Itália: a Batalha de Monte Castello. A maior dificuldade encontrada nessa batalha foi o rigoroso inverno italiano, bem como as adversidades de combate em áreas elevadas, experiência esta pouco explorada pelos brasileiros. A batalha de Monte Castello durou por volta de quatro meses e foi o período com o maior registro de baixas durante a participação da FEB na campanha italiana (ROSTY, 2018).

Após a difícil Tomada de Monte Castello, a Força Expedicionária Brasileira (FEB) prosseguiu em sua ofensiva, em um terreno muito acidentado e cheio de rochas, mas não esmoreceu em momento algum perante as dificuldades, chegando até

Castelnuovo, batalha considerada de relativa segurança e grande economia de baixas. Veio a ser a mais bem concebida ação da campanha da tropa brasileira na Itália. Já se havia adquirido certa experiência após os 4 meses de Batalha em Monte Castello, o que foi crucial para a vitória. Conseguiram isolar o ponto onde se encontrava a tropa inimiga e articularam dois ataques em diferentes posições. Investiram pela frente para atrair o fogo do inimigo, enquanto tiveram ações de cima e dos lados, envolvendo assim o vilarejo, demonstrando o aprimoramento da tropa na frente de combate (ROSTY, 2018).

Após essa grande vitória da FEB, em 14 de abril de 1945, iniciou-se a maior batalha que os brasileiros participaram na II Guerra Mundial. Essa ação ofensiva teve mais de 400 baixas para o Brasil, entre mortos e feridos. Foram dois dias de combate em ambiente urbano, onde os alemães não aguentaram a pressão ofensiva brasileira, apoiada por tropas blindadas americanas, tornando-se assim a vitória mais violenta e incisiva da FEB. Os alemães se viram obrigados a iniciarem a retirada. As tropas continuavam a avançar por território italiano com êxito, assim finalizando a ação brasileira, em abril de 1945, com a histórica Tomada de Montese. Em maio de 1945, último mês da II Guerra, a FEB alcançou a fronteira entre a Itália e a França. Após isso, ocorreu a rendição alemã e por consequência o fim da guerra. A campanha da FEB durou 239 dias (ROSTY, 2018).

Segundo o site da Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2022), A Força Expedicionária Brasileira perdeu 454 Soldados, mortos no combate em solo

européu, que por muitos anos jaziam no Cemitério de Pistoia, na Itália. Em outubro de 1960, as cinzas dos heróis da FEB foram enviadas ao Monumento Nacional aos Mortos da II Guerra Mundial, localizado no Aterro do Flamengo, no Estado do Rio de Janeiro.

3 CONCLUSÃO

Diante do exposto, conclui-se que - de qualquer ângulo que se observe - a atuação das tropas brasileiras durante as campanhas na Segunda Guerra Mundial foram atos louváveis, de bravura e coragem, em que os heróis da pátria abdicaram de suas vidas e superaram os próprios limites físicos e psicológicos, vencendo as adversidades, defendendo os interesses da nação brasileira e contrariando todos os fatores adversos que se apresentaram naquele período.

A participação dos pracinhas da FEB neste episódio da História mundial ilustra o que é ser Soldado em sua verdadeira essência. Na ocasião, militares mal equipados, treinados sob precárias condições e desacreditados por muitos diante do cenário apresentado, não esmoreceram e trouxeram a vitória ao Brasil e às tropas aliadas. Demonstraram, por vezes, diversos valores militares doutrinários do Brasil, bem como a coragem e a abnegação.

77 anos depois, os tempos e os costumes da sociedade modificaram-se. As Forças Armadas evoluíram tecnológica e taticamente, contudo, com a devida certeza, os exemplos dos honrados companheiros, que outrora tiveram a vida ceifada em nome do cumprimento do dever, com certeza

inspira a todos os militares do Brasil até os dias atuais.

4 REFERÊNCIAS

CASTELLO BRANCO, M. T. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

COSTA, O. **Trinta anos depois da volta: O Brasil na II Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Força Expedicionária Brasileira (FEB)** Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/FEB>. Acesso em: 12 de abril de 2022.

OJEDA, C. M. Força Expedicionária Brasileira: Memórias de Guerra e Formação de Identidades. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2015, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: ANPUH, 2015.

ROSTY, C. S. Constituição da Força Expedicionária Brasileira para a Campanha da Itália. **A Defesa Nacional**, v. 105, n. 836, p. 79-96, 2018.

SILVA, M. V. M.; FOLY, F. M. Força Expedicionária Brasileira: 70 anos. Uma análise política do Processo de Negociação, Criação e Dissolução. **Revista Brasileira de História Militar**, ano IV, n. 11, 2013.